

1.

DESTINO

Nenhum. Nenhum economista, desses de barba rala, calça bege e camisa azul, desatinado a usar termos técnicos, seria capaz de descrever a euforia vivida pela sociedade brasileira daquele tempo. Nenhum historiador, com bonezinho de movimento social, enfiado nos arquivos da Biblioteca Nacional, conseguiria explicar o desespero dos brasileiros por quinquilharias de luxo nos *outlets* americanos. Nenhum sociólogo agarrado a gráficos, tabelas e teorias sobre a dominação de classe teria estofo para compreender o apego dos compatriotas pelas coisas de rico.

Certos fatos só são críveis a olho nu. Eu vi de perto.

Em janeiro de 2010, eu vivia uma rotina insossa em Vancouver, na Costa Oeste do Canadá. Meus dias se resumiam a tediosas horas na biblioteca da Universidade da Colúmbia Britânica mergulhado nos livros, ou enfiado em uma escala de três empregos capaz de engolir meu lazer, meu sono e minha verve em troca de um punhado de dólares.

De segunda a sexta-feira, às 5h30 da manhã, era possível encontrar Michel, o atendente, de frente a uma caixa registradora em um café na estação de trem, atento às centenas de pedidos de clientes com pressa. De quinta a sábado, às 12h30, assumia o vendedor, numa floricultura de bairro. Com o cair da noite, mais uma mudança de papel. Armado de luvas de borracha amarela que iam até os cotovelos, óculos de proteção e um avental, eu encarava pratos, panelas e botijas imundas ao gosto de um *chef* mexicano.

Exausto, aproveitei o recesso da universidade, pedi férias aos patrões, juntei minhas economias e embarquei em um voo rumo ao sul para viver o sonho americano nem que fosse por uns dias.

Dei a sorte (ou o azar) de pousar no aeroporto de Miami no mesmo momento que um voo vindo do Brasil, lotado de alguns dos tipos mais esperados na cidade. A moça grávida, acompanhada da futura vovó, agarrada às revistinhas com cupons de desconto para as lojas do Aventura Mall. A família feliz em sua primeira excursão internacional para a Disney. O casal apaixonado, ansioso pela rotina de compras nos *outlets* da cidade. Enfim, muita gente doida para se jogar nos *shoppings*, restaurantes, hotéis temáticos e nas lojas com preços impossíveis de serem superados por qualquer lojinha brasileira.

A pressa era tanta que os turistas nem perdiam tempo lendo os pormenores do questionário da Imigração. Seguiam a recomendação dos blogueiros de viagem e ticavam a caixinha de respostas como se fossem experts.

«Não» para drogas.

«Não» para contato com terroristas.

«Não» para a intenção de ficar ilegalmente no país.

«Não.» Não.

Enquanto os visitantes avançavam até um dos pontos de checagem da Imigração, dois brutamontes gozavam, perversamente, do medo que sentiam milhares de passageiros ao chegar a seus guichês. Cabia a eles a tarefa de comparar se o dito combinava com o visto.

As avaliações seguiam seu ritmo sem interrupções, até a chegada de um casal de brasileiros. Logo à minha frente estavam Claudette e Mário Jorge.

— Ok, senhores. Vão para onde? — perguntaram os homens.

— Hã?

— Para onde os senhores vão? — questionaram, pausadamente, como se a falta de domínio da língua pudesse ser resolvida com o ritmo de fala.

— Miami — responderam.

— Hotel?

— Sim! Faena Hotel, Miami Beach — respondeu o marido.

— Hotel cinco estrelas. De frente para a praia. Aquele do dinossauro de ouro do artista — completou a mulher se referindo a uma obra do artista inglês Damien Hirst.

— Por quantos dias, senhores?

— Quinze dias.

— Conhecem alguém aqui? Têm amigos ou parentes?

— *Two weeks* — Claudette se esforçou em mostrar o vocabulário recém-aprendido nas aulas de inglês.

— E as malas, senhores? E as malas? — emendou o policial.

— Não, não trouxemos malas.

— Nenhuma mala?

— Senhor, vamos comprar tudo por aqui.

— Vocês vão ficar aqui duas semanas sem malas? Me acompanhem, por favor.

Escortado por policiais, o casal foi levado para a salinha de averiguações e desapareceu. A mulher seguiu, indignada, a pedir maiores explicações.

— Nada mais faz sentido, Mário Jorge — ela reclamou depois. — *There is no sense* — ela mesma se traduziu.

Como era possível que, no país do consumo, pessoas fossem penalizadas pela disposição de torrar milhares de dólares das próprias economias? Qual era a dificuldade dos guardas em entender o impulso do casal de invadir *outlets* em busca de pechinchas? Afinal, estavam ou não no país onde o dinheiro é capaz de comprar sonhos? Era falsa a cantilena vendida pelos filmes de Hollywood? Aquele era ou não era a América?

— *Is this America or not, sir? This is America?*

Não. Era um cadinho de Brasil.

2.

ESTRANHAMENTO

Por um cuidado do acaso, reencontrei Claudette e Mário Jorge na fila da locadora de carros. Os gritos revelavam a tensão dos brasileiros depois de terem sido detidos e liberados pelos oficiais da Imigração.

Tensa, Claudette mascava chiclete e batia os saltos no chão na tentativa de dissipar o desconforto. Ela equilibrava o corpo dentro de uma calça *jeans* justa e de uma blusa preta com um imenso logo da Calvin Klein, que, vez por outra, desaparecia sob a enorme bolsa Prada sustentada por um antebraço malhado, conquistado em horas de academia. O altíssimo sapato Louboutin não a impediu de chegar mais perto.

À busca de que alguém a escutasse, que se interessasse pelo drama vivido, danou a falar. Novamente, tive a sorte (ou o azar) de ser a pessoa mais próxima e com alguma disposição de ouvi-la:

— Que inferno! E eu lá tenho culpa de ter dinheiro pra comprar? Quero comprar tudo. Vim sem nada, vim pra gastar. Qual é o crime? Me diga... Qual foi o crime?

Detidos pela Imigração, o casal tinha sido levado para um cubículo um pouco maior do que *um quarto de empregada desses apartamentinhos de classe média*, como ela fez questão de repetir. A sala de paredes brancas era iluminada por uma luz fria como a de um necrotério, e lá os policiais fizeram as vezes de carneiros funerários.

Vestidos com luvas, máscaras e caras de mau, os agentes apalparam o casal e seus pertences em busca de um sentido que livrasse a todos do absurdo. *Como alguém deixa a própria casa, viaja milhares de quilômetros e*

aterriça num país estrangeiro sem nem uma escova de dentes?, encasquetados, deviam pensar os gringos.

— Pra comprar! — ela dizia.

— Pra comprar! — Mário Jorge repetia.

O brutamonte 01, baixinho e de jeito bonachão, encarnava o papel de *good cop*. Ao perceber as dificuldades dos brasileiros com a língua, de forma simples e espaçada ele se esforçou para dizer que também era apaixonado por compras, e até indicou suas lojas preferidas na cidade. O brutamonte 02, sério, sem disposição para papo, seguiu comprometido com a missão de futucar cada cantinho da bolsa de luxo de Claudette e da mochila de Mário Jorge.

Nos momentos em que o silêncio se impôs, sentiu-se a densidade do ar, o abrir e fechar dos zíperes e a respiração tensa da mulher, que batia o salto sincopado sobre o chão. A trilha sonora da tensão.

A melodia não foi suficiente para deter a gana do oficial por conquistar territórios como se tivesse encarnado o imperialismo americano. Num surto, o brutamonte 02 ameaçou cortar a Prada de Claudette com um estilete, a fim de verificar se havia algo nos travesseirinhos de *nylon* do modelo.

— *Stop!* Na minha bolsa não. Pode parar com a gracinha.

Para evitar o caos, sob os conselhos do 01, o agente passou para a mochila de Mário Jorge. Checou os compartimentos internos, apalpou as paredes e foi até o fundo em busca de algum segredo revelador da viagem sem bagagens.

Com as mãos dentro da mochila e os olhos no casal, logo se percebeu que o policial tinha encontrado algo. Ele fitou o colega e deu um risinho de confirmação, como fazem os tiras dos filmes de *suspense* americanos. Em seguida, subiu a mão até a boca da mochila, mas, para surpresa de todos, o elemento secreto era só uma carteira preta, deformada por dezenas de notas de cem dólares e vários cartões de crédito, com couro cancelado pela alemã Montblanc.

Impressionado com a quantidade de dinheiro em espécie, o policial decidiu contar as cédulas, certo de que o limite de 10 mil dólares permitido pela lei fora ultrapassado: 100, 200, 300, 400, 500, 600, 700,

800, 900, 1000, terminou e montou o primeiro montinho. Ao final, eram nove e meio sobre a mesa. Foi por pouco.

— E por que todo esse dinheiro? — perguntou o policial.

— Pra comprar! — ela dizia.

— É crime? — Mário Jorge tentava explicar, já mais calmo. O brutamonte 01 deixou o bolo de notas de lado e partiu para os cartões. De incrédulos, os agentes foram ao espanto.

À medida que pegavam os retângulos de plástico, as dúvidas aumentavam.

Abriram-se as portas da imaginação. Com uma planilha dentro da cabeça, os policiais devem ter feito as contas. *Como esses latinos têm uma carteira com seis cartões de crédito black, sem limite, como as estrelas de Hollywood? Se eles têm seis cartões, quantos mil dólares devem fazer por ano? O que eles fazem da vida para ter tantos cartões? Se fosse alguma atividade ilegal, não teriam como comprovar a renda para ter direito a tanto crédito.*

A crise na cabeça do brutamonte 02 só serenou quando ele se deu conta de que nenhuma resposta fácil, lógica e fidedigna sairia daquela salinha. Uma decisão precisava ser tomada. Ou encarceravam o casal até que todas as respostas fossem dadas e bancavam o risco de estarem se metendo com alguém importante, ou liberavam os dois, sem saber estar fazendo a coisa certa.

— Senhor, qual é a sua profissão?

— Sou empresário.

— De sucesso?

— O que você acha?

— Ok. Chega. Chega. — O agente deu fim ao espetáculo. A mesma luva cirúrgica que tinha aberto as bagagens, as fechou. Não sem antes guardar a gorda carteira de couro de volta na mochila. Foram liberados.

Abalada, Claudette ia desfiando os detalhes dos últimos acontecimentos enquanto Mário Jorge, afastado, falava com os atendentes da locadora, preocupado em conseguir as chaves do carro.

Foi quando, de longe, eu e ela vimos seu marido ser tomado por mais um surto de fúria. Mesmo sem ouvir o que ele falava, o rubor no rosto, o gesticular desordenado e a montanha de papéis a voar pelos

ares deixaram clara a metamorfose. Em poucos segundos, ele fora de fada a monstro.

Para acalmar os ânimos, Claudette tomou a dianteira. Saiu de perto de mim e caminhou até o guichê. Mas, apesar das boas intenções, também foi tomada pelo descontrole contra os empregados da locadora. A causa foi mais uma quebra de expectativa.

Ainda no Brasil, Mário Jorge tinha reservado um Porsche vermelho para realizar seu desejo de menino. Agora, com 45 anos e empresário, um relógio gigante no pulso, uma camisa da Ralph Lauren com um imponente cavalo no peito, e a carteira deformada por tanto dinheiro, estava preparado para fazer acontecer. Só faltou combinar com os donos da empresa.

Os funcionários se esforçavam para explicar que não havia Porsches disponíveis no momento e que ele teria de aceitar um similar da mesma categoria, como garantia o contrato. Não adiantou.

Mário Jorge resolveu apelar:

— Paguei setecentos dólares por dia! O senhor sabe quanto é isso?

— *Sí, señor. Por supuesto.*

— Deve ser muito mais dinheiro do que vocês, incompetentes, fazem por mês nessa espelunca.

Decidi me valer do arremedo de intimidade recém-conquistado para mediar o embate e ajudar na resolução do problema antes que algo pior acontecesse. Entre o desespero dos funcionários e o ódio dos viajantes, assumi as vezes de negociador em busca de um bom ponto para ambas as partes. Lembrei que, do mesmo jeito que os Porsches eram frequentes nos filmes de *playboys*, as Hummers, camionetas com rodas gigantescas e motor potente o suficiente para derrubar um elefante, também deviam fazer parte da infância de Mário Jorge.

Arrisquei. Propus a Lito e Raul, funcionários da empresa, um «*upgrade* para os clientes *black*, uma vez que o casal não era qualquer um, estava sendo lesado e merecia ser ressarcido pelo furo da locadora», repetindo parte do discurso dos brasileiros.

Mário Jorge se convenceu. Os ânimos se acalmaram. Agradecido pela minha intermediação, trocamos telefones com a promessa de

manter contato, mesmo sabendo que as chances de um novo encontro eram ínfimas.

— Anote meu número — ele gritou de dentro do carro, com os vidros abertos.

— Vamos te procurar. Queremos te encontrar — Claudette reforçou. Fingi acreditar.

Eu, Raul e Lito respiramos aliviados pelo final satisfatório. Tomados por uma sinceridade pós-traumática, daquelas que fazem abandonar qualquer protocolo, José, gerente da locadora, confessou:

— Eu já falei pro chefe: não dá mais. Todo dia é a mesma coisa. É só chegar brasileiro aqui e começa a confusão.

— É o quê? — perguntei na tentativa de defender meus compatriotas.

— Brasileiros? Brasileiros? Eles são ricos de verdade, ricos de verdade. Só querem do bom e do melhor.

— Rico de verdade?

— Sim. Mostram bolo de dinheiro, querem os melhores carros e acham que podem tudo. Brasileiro rico é assim, rico de verdade. O senhor não é rico, é?

— Não — respondi.

— Logo se vê. Tá na cara!

«Tá na cara ou no bolso?», me perguntei, o papelzinho com o telefone do casal entre os dedos.